



CIÊNCIA DO TEXTO/DISCURSO E ENCONTRO DE SABERES EM AÇÕES DO PIBID

SCIENCE OF TEXT/DISCOURSE AND MEETING OF KNOWLEDGE IN PIBID ACTIONS

Amanda Pereira dos Santos*
Caroline Rodrigues Ferreira**
Maria Claudia Barbosa Nogueira***
José Cláudio Luiz Nobre****

RESUMO:

Este texto propõe uma breve análise da interface entre os estudos do texto/discurso e a iniciativa do “Encontro de Saberes”, destacando a relevância da inclusão de conhecimentos tradicionais no ambiente acadêmico. O estudo se insere no contexto dos estudos linguísticos e da Análise do Discurso, realizado em uma Unidade Curricular (Estudos do Texto e do Discurso) da Licenciatura em Educação do Campo, em que, base em autores como Bakhtin, Benveniste, Foucault, Orlandi, Pêcheux, entre outros, se verificou como a linguagem constrói e o texto/discurso evidencia relações de poder e saber e as construções de sentido e efeito de sentido discursivo. Procurou-se evidenciar também como a valorização de diferentes epistemologias pode enriquecer o universo acadêmico dos estudos da linguagem humana. Serão abordados conceitos fundamentais da Análise do Discurso e a sua aplicabilidade em experiência de ensino, por exemplo, nos Programas PIBID e RP desenvolvidos, há um tempo, na LEC/UFVJM, com base em análise discursiva das falas de mestres tradicionais, ressaltando-se a importância do reconhecimento de seus saberes para a construção de um currículo mais inclusivo e interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Texto/Discurso. Mestres e mestras de Saberes. Iniciação à docência.

ABSTRACT:

This text proposes a brief analysis of the interface between text/discourse studies and the “Meeting of Knowledge” initiative, highlighting the relevance of including traditional knowledge in the academic environment. The study is part of the context of linguistic studies and discourse analysis, conducted in a curricular unit (Text and Discourse Studies) of the Bachelor's Degree in Rural Education. Based on authors such as Bakhtin, Benveniste, Foucault, Orlandi, and Pêcheux, among others, it examined how language constructs and text/discourse highlights relations of power and knowledge and the construction of meaning and the effect of discursive meaning. It also sought to highlight how the appreciation of different epistemologies can enrich the academic universe of human language studies. Fundamental concepts of Discourse Analysis and its applicability in teaching experience will be addressed, for example, in the PIBID and RP Programs developed, some time ago, at LEC/UFVJM, based on discursive analysis of the speeches of traditional teachers, highlighting the importance of recognizing their knowledge for the construction of a more inclusive and interdisciplinary curriculum.

KEYWORDS: Text/Discourse. Masters of Knowledge. Introduction to teaching.

* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFMG. E-mail: santos.pereira@ufvjm.edu.br.

** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFMG. E-mail: rodrigues.caroline@ufvjm.edu.br.

*** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFMG. E-mail: claudia.nogueira@ufvjm.edu.br.

**** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFMG. E-mail: jose.nobre@ufvjm.edu.br.

Introdução

Considerando-se o objetivo geral da Licenciatura em Educação do Campo, que é “promover a construção de uma Educação do Campo vinculada às causas, aos desafios, à cultura e à história das populações do campo, por meio da formação de professores/educadores para atuarem nos anos finais do ensino fundamental e o ensino médio nas habilitações Ciências da Natureza e Linguagens e Códigos”, entende-se que, para alcançar o que se objetiva, há a necessidade de buscar estratégias de formação de professores/educadores comprometidos com a construção e a implementação da Educação do Campo e que tenham condições de compreender a realidade e atuar criticamente nas suas diferentes dimensões, por meio de ações educativas realizadas com e para as populações do campo, com o objetivo de contribuir com o fortalecimento das comunidades campestinas.

Neste sentido, o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão no Curso tem sido um tônica que se justifica na perspectiva de que o estudante da Educação do Campo possa, na prática, entender e melhor promover a relação ensino/aprendizagem, vinculada na interação escola, comunidade e cultura campestina, o que possibilita a construção de ações significativas e contextualizadas de ensino, articulando-se (a) conteúdos programáticos das unidades curriculares e suas realidades sociodiscursivas. Além disso, as experiências de iniciação à docência é uma profícua oportunidade de construção de conhecimento e reflexão sobre as teorias e experiências pedagógicas a todos os sujeitos envolvidos, já que também pode lhes servir de laboratório de preparação e produção de materiais próprios da prática docente na Educação do Campo e desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito das escolas e comunidades do campo, considerando-se, sobretudo, a troca de saberes e construção compartilhada do conhecimento.

Daí, aproveitamos um material gerado em atividades do RP/PIBID da LEC/UFVJM e o aproveitamos como objeto de análise discursiva na Unidade

Curricular Estudos do texto discurso, cujo resultado de análise está aqui compartilhado.

O ponto de partida das nossas reflexões em sala de aula originam-se da principal tese de Foucault com respeito à formação de modalidades enunciativas (que são tipos de atividades discursivas e/ou modos de dizer em cada atividade) segundo a qual o sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, ou da linguagem como a origem do enunciado (seu autor/sua autora), mas é, ao contrário, uma função do próprio enunciado. Essa visão da relação entre sujeito e enunciado é elaborada por meio de uma caracterização de “formações discursivas” ou “formações ideológicas”, constituídas por configurações particulares de “modalidades enunciativas”, que são os “modos de dizer”, e de “efeitos de sentido”, muitas vezes determinantes de cada ‘formação discursiva’ e, em certo grau, determinados por ela. E, na perspectiva da interação sociodiscursiva, também se considera a ‘situação discursiva’ (ou condição de produção de texto/discurso), conhecida como ENUNCIACÃO, que é o processo por meio do qual se constroem os enunciados e os sujeitos enunciadoreis.

Dessa síntese teórica, indicou-se como ‘tarefa’ da Unidade Curricular a elaboração de um ensaio ou um artigo na interface dos conceitos acima relacionados e o seguinte tema¹: “Saberes e práticas de formação nas relações discursivas entre trabalho, educação, letramentos e agroecologia”. Assim surgiu este texto.

O Encontro de Saberes e seus Potenciais no Universo Acadêmico

O projeto Encontro de Saberes (ES) emerge como uma iniciativa fundamental para a descolonização do conhecimento e a promoção de uma universidade antirracista e pluriepistêmica. Idealizado por José Jorge de Carvalho e iniciado na Universidade de Brasília (UnB) em 2010, o ES busca integrar mestres e mestras de saberes tradicionais (indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, entre outros)

¹ Na Licenciatura em Educação do Campo (LEC/UFVJM), existe a ‘prática’ de construção coletiva de um tema integrador (ou tema gerador, ou tema transversal), que são temáticas estabelecidas semestralmente e que podem ser abordadas, com o sem adaptações, em todas as unidades curriculares (UCs). O tema pode orientar as atividades de Tempo Comunidade, seja nos trabalhos individuais das UCs, seja nas atividades interdisciplinares de Práticas de ensino, pesquisa e/ou extensão.

como docentes em disciplinas regulares, pesquisas e bancas acadêmicas, independentemente de sua escolaridade formal. Essa inclusão visa confrontar o racismo étnico, fenotípico e epistêmico que historicamente permeia as instituições de ensino superior, valorizando epistemologias não eurocêtricas.

O Próprio idealizador deste espaço pluriepistêmico assevera que:

“Não se trata de negar o conhecimento científico moderno, mas de reconhecer que ele é apenas uma das formas de conhecimento e que outras formas, como as dos povos indígenas e afrodescendentes, também têm validade e devem ocupar espaço na universidade.” (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022a, p. 10)

O que se propõe, então, é uma ampliação do escopo epistemológico universitário, reconhecendo a legitimidade de outras tradições de conhecimento. Trata-se da possibilidade de tornar presente no bojo das ementas acadêmicas, em todas as áreas de conhecimento, os saberes, fazeres e dizeres dos povos tradicionais representados por mestras e mestres, que são memórias vivas em seus próprios territórios.

Na medida em que os mestres e mestras são também pessoas negras e indígenas, sua presença no lugar de autoridade acadêmica, porém com uma formação intelectual com base em epistemes não eurocêtricas, contribui para o enfrentamento da dupla face do racismo constitutivo das nossas instituições de ensino superior e pesquisa” (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022b, p. 5)

Mestres e mestras, nessa perspectiva, são reconhecidos como lideranças e sábios em suas comunidades, guardiões e desenvolvedores de conhecimentos transmitidos pela tradição. Sua presença no ambiente, ainda que pelas suas ideias, seus discursos, enriquece também o espaço universitário e pode promover uma troca de saberes que transcende a lógica eurocêntrica de produção de conhecimento. Todo esse movimento pode alimentar a construção do caráter político e pedagógico das universidades, potencializando sua função pública e democrática e contribuindo para a refundação do ethos discursivo, cultural brasileiro.

O ES promove uma interação dialógica e opinante, onde a palavra viva dos mestres, carregada de um acento apreciativo e de visões de mundo de outros que já a enunciaram, gera movimento de (re)construção, ressignificação e transformações de sentido. E a compreensão ativa do saberes pode trazer em seu cerne respostas e juízos

de valor, trazendo para o discurso os elementos ideológicos que o constituem. Assim, a inclusão desses saberes e a valorização de epistemologias diversas no espaço acadêmico são cruciais para uma universidade que se propõe a ser verdadeiramente pluriépistêmica e engajada na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Conceitos de análise Discursiva em ações de ensino

Como se sabe, a Análise do Discurso (AD) constitui um campo de estudos que busca compreender a linguagem em sua materialidade e em sua relação com a história, a ideologia e o sujeito. A AD não se restringe à descrição da língua como um sistema abstrato, mas a investiga em seu funcionamento no mundo, na produção de sentidos e efeitos de sentido e na constituição dos sujeitos. Diversos teóricos contribuíram para a consolidação e o aprofundamento desse campo, cada um com suas especificidades e ênfases. A seguir perpassamos, sumariamente, alguns conceitos e autores básicos e chave neste trabalho.

Eni Orlandi (2014), por exemplo, uma das principais expoentes da AD no Brasil, enfatiza que o sujeito discursivo é intrinsecamente afetado pelo inconsciente e pela ideologia. Para ela, a linguagem não é transparente; as palavras já chegam carregadas de sentidos que são ideologicamente constituídos. A ideologia, nessa perspectiva, não é uma ocultação, nem o que se afirma sobre ela no sendo comum, mas um elemento constitutivo do sujeito e do sentido. Este, o sentido, por sua vez, é produzido nas condições de produção do discurso, sendo dinâmico e historicamente determinado. A memória discursiva, o "já-dito" (que também é um efeito de sentido na perspectiva pecheutiana), desempenha um papel crucial na constituição e reconstrução dos sentidos. E o gesto de interpretação do texto, da realidade, por fim, é o modo como o sujeito se apropria dos sentidos, um trabalho simbólico que manifesta a relação entre sujeito, linguagem e sociedade.

Michel Pêcheux (1990), por sua vez, um dos fundadores da Escola Francesa de Análise do Discurso, desenvolve conceitos fundamentais para a compreensão da relação entre linguagem, ideologia e sujeito. Para ele, a Formação Discursiva (FD), por

exemplo, determina o que pode e deve ser dito em uma dada conjuntura, sendo diretamente relacionada às formações ideológicas. As palavras adquirem sentido dentro de uma FD específica, e, ideologicamente, “indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes” por essas formações. Nas formações discursivas, o dizer o espaço onde o “já-dito” se localiza e onde a memória discursiva atua. Para o teórico, analisar a produção de sentidos é perceber os efeitos históricos de sentido e reconhecer que o sujeito não é autônomo, mas constituído pela ideologia e pela formação discursiva.

Com Michel Foucault (1979 e 2008), por exemplo, percebe-se uma perspectiva distinta da Análise do Discurso, focando na relação entre discurso, poder e saber. Para ele, o discurso é um conjunto de enunciados que se apoia em um sistema de formação, construindo o conhecimento e definindo o sujeito. Este, o sujeito, não é um ente metafísico, mas uma prática social que molda a realidade. O que implica dizer que o sujeito, em si, também é um efeito de práticas formadoras de discurso. Mais que o discurso do sujeito, há de se buscar entender o sujeito do discurso.

O sujeito, nessa visão, não é autônomo, mas “assujeitado”, constituído pelas práticas discursivas e pelas relações de poder-saber. Já Mikhail Bakhtin (2006), com sua teoria do dialogismo, postula que a linguagem e a existência humana são fundamentalmente dialógicas. Todo enunciado é um elo em uma cadeia de enunciados, um ponto de encontro de vozes e visões de mundo. A palavra está sempre em movimento, carregada de sentidos anteriores e em constante interação. Isso dialoga com a perspectiva de Discurso como “efeito de sentido” impetrada por Pêcheux mencionado acima. O sujeito bakhtiniano, então, é constituído na e pela interação dialógica com os outros, na interação de saberes, por assim dizer. E em cada voz, em cada saber, há presença de múltiplas vozes, múltiplos saberes e pontos de vista (às vezes em disputa) em um mesmo contexto. Há uma polifonia, que se refere à coexistência dessas múltiplas vozes e consciências independentes em um mesmo texto ou discurso, por exemplo, sem que uma necessariamente se subordine à outra. A polifonia é, então, um fenômeno complexo que se manifesta quando há uma pluralidade de consciências autônomas em interação e que coloca em evidência tanto a subjetividade (o ponto de vista do sujeito que experiência o mundo e dele fala), quanto a alteridade (princípio constituinte da consciência humana e dos discursos, onde o “eu”

se forma na relação com o "outro"). A palavra do outro, nesse sentido, é essencial para a formação da identidade e para a compreensão do mundo e de processos (inter)ativos e responsivos que envolvem a interação com e entre as vozes alheias.

Precisamos considerar também a grande contribuição de Émile Benveniste (1974) para a Análise do Discurso, ao propor que o sujeito, bem como a subjetividade, não preexistem à linguagem, mas são constituídos nela e por ela. Para este autor, o homem se torna sujeito ao se apropriar da língua no ato de enunciação. Esta, a enunciação é o momento em que a língua, de um sistema abstrato, se torna uma prática viva, real, atual e significativa, onde o locutor se insere no discurso. Benveniste demonstra, então, que a linguagem não apenas representa a realidade, mas também funda a própria subjetividade do falante, permitindo-lhe construir e expressar sua identidade no mundo.

Breve análise discursiva das falas da Mestra Alvina Baldaia e do Mestre Laécio Baldaia

Nesta seção, será realizada breve análise discursiva das falas da Mestra Alvina Baldaia e do Mestre Laécio Baldaia, com base nas transcrições de falas de 2 entrevistas compartilhadas nos anexos A e B. A análise buscará identificar como os conceitos da Análise do Discurso, como sujeito, ideologia, formação discursiva, interdiscurso, dialogismo, polifonia, alteridade e enunciação, se manifestam nas narrativas desses mestres, revelando a construção de seus saberes e identidades.

A Voz da Tradição: Mestra Alvina Baldaia e o Saber da Esteira

No discurso de Dona Alvina Baldaia, emerge a figura da guardiã do saber tradicional, cuja identidade se entrelaça com a prática da confecção de esteiras de fibra de bananeira. Sua narrativa, "Meu nome é Alvina, sou da comunidade São Miguel, e tenho anos. Comecei a fazer esteiras de fibra de bananeira, um artesanato que aprendi com minha mãe. Ela fazia as esteiras, e eu fui aprendendo com ela. Com 15 anos, já ajudava a minha mãe a fazer as esteiras, que eram usadas para cobrir as camas de vara, porque, naquela época, não havia colchões. Todos faziam assim; ninguém tinha cama de verdade, e nem sabíamos o que era um colchão como os de hoje", é um exemplo

claro de como a memória discursiva (Orlandi) e o interdiscurso (Pêcheux) atuam na constituição de seu saber. O "já-dito" e o "já-feito" de sua mãe e da comunidade são incorporados e ressignificados em sua própria prática, conferindo-lhe autoridade e legitimidade.

A formação discursiva (Pêcheux/Foucault) que permeia a fala de Dona Alvina é a da tradição e da ancestralidade. O que "pode e deve ser dito" sobre a confecção das esteiras é determinado por essa formação, que valoriza a transmissão geracional e a utilidade social do artesanato. A descrição minuciosa do processo de produção, desde o corte da matéria-prima até o produto final, demonstra não apenas um conhecimento técnico aprofundado, mas também a materialidade de um saber que se manifesta no fazer. A subjetividade de Dona Alvina (Benveniste) é construída nessa enunciação, onde ela se posiciona como um "eu" que é parte de uma coletividade e de uma história, e não como um indivíduo isolado. Sua voz, ao narrar o processo, reforça sua ethos discursivo, ou seja, a imagem que ela constrói de si mesma como especialista e transmissora de um saber valioso.

O dialogismo (Bakhtin) é evidente na forma como Dona Alvina se relaciona com as vozes de sua mãe e da comunidade. Ela não apenas repete o que aprendeu, mas o reelabora e o reacentua em sua própria prática e discurso. O silêncio (Orlandi) também pode ser interpretado naquilo que não precisa ser dito, pois é compreendido pela comunidade que compartilha o mesmo contexto e a mesma formação discursiva. A ausência de colchões e a necessidade de camas de vara são elementos que, embora não explicitamente detalhados, são compreendidos por aqueles que vivenciaram ou conhecem a realidade da época, revelando o equívoco como parte da produção de sentido, onde o não-dito também significa.

Mestre Laécio Baldaia e a Construção do Curral: Saber e Adaptação

O discurso do Mestre Laécio Baldaia, que se dedica à construção de currais, apresenta uma formação discursiva (Pêcheux/Foucault) que, embora também enraizada na tradição, demonstra uma maior abertura à inovação e à adaptação. A fala de Laécio, ao descrever a combinação de "conhecimento antigo com ferramentas novas", ilustra a dinâmica do interdiscurso (Pêcheux) em ação, onde diferentes saberes (tradicionais e modernos) se encontram e se articulam. Essa articulação não é uma

simples justaposição, mas um processo de ressignificação, onde o "já-dito" sobre a construção de currais é atualizado e adaptado às novas realidades e tecnologias.

O sujeito (Foucault/Pêcheux) Mestre Laécio se constitui nessa interface entre o tradicional e o contemporâneo. Sua subjetividade (Benveniste) é forjada na capacidade de integrar o saber ancestral com as demandas atuais, posicionando-se como um especialista que não apenas preserva, mas também inova. O ethos discursivo de Laécio é construído através da demonstração de sua expertise em combinar diferentes abordagens, o que lhe confere autoridade e reconhecimento na comunidade.

O dialogismo (Bakhtin) se manifesta na interação de Laécio com as vozes da tradição e as vozes da modernidade. Ele dialoga com o conhecimento herdado e com as novas ferramentas, criando um discurso que é ao mesmo tempo enraizado e flexível.

A polifonia (Bakhtin) pode ser percebida na coexistência dessas diferentes vozes em sua prática e em seu discurso, onde o saber tradicional e o conhecimento técnico científico convivem e se complementam. O gesto de interpretação (Orlandi) de Laécio se revela na sua capacidade de adaptar e ressignificar o saber da construção de currais, mostrando como a interpretação não é passiva, mas um processo ativo de apropriação e transformação dos sentidos.

Notamos que o Mestre Laécio constrói um ethos discursivo ao declarar: "[...] eu conheço por 'curral' mesmo. A estrutura do curral começa pelos palanques de madeira e as tábuas. O local precisa estar nivelado para evitar problemas." Além disso, esta narrativa enfatiza sua habilidade prática, mostrando-o como alguém que domina os aspectos técnicos e históricos do ofício, com um conhecimento que remonta a gerações passadas. Ele é representado (ou se representa) como um guardião da tradição, cujo conhecimento é essencial para a preservação de práticas culturais e agrícolas. Mestre Laécio também reforça a importância de suas técnicas tradicionais ao afirmar: "Não sei se é lenda, mas, de geração em geração, dizem que é melhor retirar a madeira na época da lua nova. E, se for construir um curral, é ideal fazer durante o período de chuvas, pois o solo fica mais macio, facilitando o plantio dos palanques." Essas observações destacam sua conexão com o conhecimento ancestral e sua

capacidade de integrá-lo com as práticas contemporâneas, seu ponto de vista, sua subjetividade.

Assim, o discurso constrói a imagem de Laécio como um verdadeiro especialista e preservador de um saber vital para a agricultura e cultura local. Sua narrativa destaca a sabedoria que ele adquiriu ao longo do tempo, como a prática de retirar madeira na lua nova, uma tradição que passa de geração em geração. São vozes, sentidos e efeitos de sentido por ele construídos ao longo do tempo, mas que, sobretudo, ao longo do tempo o construíram como sujeito de conhecimento e de fala. Ele menciona, por exemplo, que o ideal é construir currais durante o período de chuvas, explicando: "Durante a chuva, o solo fica mais macio, o que facilita o plantio dos palanques.

Isso é uma dica que aprendi com os mais velhos." Essa fala mostra como ele (re)aplica saberes ancestrais, mas também integra práticas modernas, como o uso de ferramentas elétricas. Note-se que ele também reconhece o valor da tecnologia ao afirmar: "Hoje, a gente tem serras elétricas e furadeiras que agilizam o trabalho. Antes era no braço, tudo muito mais demorado." Mesmo assim, ele destaca que o conhecimento antigo ainda é fundamental, especialmente em áreas sem acesso à eletricidade: "Em muitos lugares, onde não chega energia, ainda é o machado e a serra manual que resolvem."

O discurso constrói Laécio como um elo entre o passado e o presente, alguém que combina práticas tradicionais com inovações tecnológicas para preservar e adaptar o saber às demandas contemporâneas.

A Intersecção dos Saberes e a Construção da Identidade discursiva

A análise das falas de Dona Alvina e Mestre Laécio revela como os saberes tradicionais são construídos e transmitidos através de complexas redes discursivas. Ambos os mestres, em suas particularidades, demonstram a importância da ideologia (Orlandi/Pêcheux) na valorização e perpetuação desses conhecimentos. A ideologia do saber ancestral e da sustentabilidade permeia seus discursos, moldando suas identidades e suas práticas. A alteridade (Bakhtin) é um elemento central, pois a

identidade de cada mestre é construída na relação com o outro e com a comunidade, que reconhece e valida seus saberes.

As vozes dos mestres evidenciam que o conhecimento não é apenas um conjunto de informações, mas uma prática social que se manifesta no discurso. A forma como Dona Alvina e Mestre Laécio narram suas experiências e descrevem seus fazeres é constitutiva de seus saberes e de suas identidades. A enunciação (Benveniste) se torna, assim, um ato de resistência e de afirmação cultural, onde a voz dos mestres se eleva para preservar e valorizar um patrimônio imaterial de inestimável valor.

A análise discursiva, nesse contexto, permite compreender a riqueza e a complexidade dos saberes tradicionais, bem como a importância de sua inclusão no universo acadêmico para a construção de um conhecimento mais plural e contextualizado. Neste contexto, Dona Alvina se aproxima da ideia de "sujeito fundador", conforme descrito por Foucault. Ela não só perpetua uma prática, mas também é responsável por dar vida e continuidade ao significado cultural da produção de esteiras. O discurso utiliza várias estratégias para construir a imagem de Dona Alvina como guardiã do conhecimento.

Primeiro, ressalta sua conexão profunda com a tradição familiar ao destacar que "comecei a fazer esteiras de fibra de bananeira, um artesanato que aprendi com minha mãe. Ela fazia as esteiras, e eu fui aprendendo com ela." Este relato estabelece uma linha direta de transmissão de saberes, evidenciando que Dona Alvina é uma continuadora de uma prática ancestral que passou de sua mãe para ela, e que sua avó também fazia as esteiras. Isso sugere que Dona Alvina preserva uma herança cultural significativa e autêntica, o que é muito importante para a comunidade e gerações futuras. Além disso, o discurso detalha cada etapa do processo de produção das esteiras, como quando descreve "a primeira coisa que fazemos ao começar a esteira é cortar o pau de imbiruçu" e a sequência das etapas subsequentes. Esta descrição aprofundada reforça sua autoridade e conhecimento profundo na prática artesanal.

O uso de termos específicos e técnicos, como "cortar o selo e lascar para tirar as fibras" e "amarrar as fibras, dando um nó no topo", também contribui para legitimar sua posição como especialista e demonstra seu domínio do ofício. Os enunciados no vídeo constroem a subjetividade de Dona Alvina ao destacar sua voz e

perspectiva pessoal sobre o processo artesanal. A linguagem informal e descritiva utilizada, como ela menciona: "comecei a fazer esteiras de fibra de bananeira, um artesanato que aprendi com minha mãe", permite que sua personalidade brilhe (ethos discursivo), pois temos aqui sua particularidade de discurso e fala.

Dona Alvina é apresentada como uma pessoa orgulhosa de sua habilidade e conhecimento, profundamente conectada com sua tradição familiar. A repetição de expressões como "aprendi com minha mãe" e "com 15 anos, já ajudava a minha mãe" enfatiza muito seu papel ativo e engajado na continuidade desse saber tradicional, destacando a importância de sua experiência e o valor que atribui à prática que vem passando de geração em geração.

À guisa de conclusão

Este artigo buscou explorar a rica intersecção entre os estudos do texto/discurso e a proposta do Encontro de Saberes, evidenciando a relevância da inclusão de conhecimentos tradicionais no ambiente acadêmico. Através da análise dos conceitos fundamentais da Análise do Discurso e da observação das narrativas da Mestra Alvina Baldaia e do Mestre Laécio Baldaia, foi possível constatar como a linguagem não apenas reflete, mas também constitui os saberes e as identidades desses mestres. A experiência dos programas PIBID e RP na LEC/UFVJM, ao promoverem a valorização dos saberes tradicionais, evidencia o potencial transformador da integração entre a academia e as comunidades. O Encontro de Saberes, idealizado por José Jorge de Carvalho, emerge como um movimento crucial para a “descolonização do conhecimento” (Carvalho, 2020), desafiando a hegemonia eurocêntrica sem, contudo, negar as contribuições históricas e epistemológicas oriundas da tradição europeia. Como, mostrado, ao invés de uma substituição, propõe-se uma convivência dialógica entre epistemologias, onde mestres e mestras de saberes tradicionais atuam como docentes, enriquecendo o debate acadêmico, fomentando a troca de saberes e contribuindo para a construção de um currículo mais inclusivo, interdisciplinar e plural.

Reconhecer o legado dos saberes europeus é comum na trajetória acadêmica brasileira, mas é igualmente necessário e urgente conceber a força e a

necessidade dos saberes tradicionais no escopo das universidades. Isso inegavelmente se estende à UFVJM, pois está inserida em uma região marcada pela diversidade cultural e pela riqueza dos saberes populares (Vales do Jequitinhonha, Mucuri, Rio Doce e Norte de Minas Gerais) e tem como missão institucional promover uma educação que dialogue com os territórios que a constituem. Nesse sentido, os saberes ancestrais, enraizados nas práticas cotidianas das comunidades locais, não apenas complementam o conhecimento acadêmico, mas também o desafiam e o renovam, contribuindo para uma universidade verdadeiramente comprometida com a transformação social e com a valorização das múltiplas formas de saber que habitam o Brasil profundo.

É fundamental ressaltar a importância do trabalho de (re)conhecimento dos mestres e mestras e de seus saberes. Suas vozes, carregadas de memória discursiva e de experiências ancestrais, são fontes inestimáveis de conhecimento que, ao serem integradas aos currículos escolares de forma interdisciplinar, podem promover uma educação mais contextualizada, significativa e respeitosa com as diversidades culturais. A valorização desses saberes não é apenas um ato de justiça social, mas uma necessidade premente para a construção de uma sociedade mais equitativa, que reconheça a pluralidade de formas de conhecer e de se relacionar com o mundo. Ao fazer isso, a universidade se fortalece como um espaço de diálogo, de resistência e de produção de um conhecimento verdadeiramente comprometido com a transformação social.

Referências

- ALBERNAZ, Pablo de Castro; CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 1–20, 2022a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/F9NpLCqhy5tzj5GwcHFY86h/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 12 set. 2025.
- ALBERNAZ, Pablo de Castro; CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 28, n. 63, p. 333–358, 2022b. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/6465> . Acesso em: 12 set. 2025.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1974.
- CARVALHO, J. J. de. O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, v. 9, n. 9, p. 11128, 2020.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2014.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- WERNER, K. A intersubjetividade antes da subjetividade na teoria da enunciação de Benveniste. *Revista SIGNÓTICA*, v. 18, n. 2, p. 397-411, jul./dez. 2006.

Anexos

Anexo A

Transcrição de fala: mestra Alvina Baldaia!

Meu nome é Alvina, sou da comunidade São Miguel, e tenho 54 anos. Comecei a fazer esteiras de fibra de bananeira, um artesanato que aprendi com minha mãe. Ela fazia as esteiras, e eu fui aprendendo com ela. Com 15 anos, já ajudava a minha mãe a fazer as esteiras, que eram usadas para cobrir as camas de vara, porque, naquela época, não havia colchões. Todos faziam assim; ninguém tinha cama de verdade, e nem sabíamos o que era um colchão como os de hoje. A primeira coisa que fazemos ao começar a esteira é cortar o pau de imbiruçu. Depois, corto o selo e lasco para tirar as fibras que serão usadas na confecção da esteira. Essas fibras são as que amarram a esteira. São necessárias oito cordas para fazer a base da esteira. Retiro essas fibras e as separo em camadas. As fibras podem ser divididas em até três camadas. Aprendi a fazer esteiras com minha mãe, que fazia para que dormíssemos sobre elas. Ela colocava as esteiras sobre varas, e assim dormíamos. Aos 15 anos, eu já sabia fazer esteiras e ajudava minha mãe. Minha avó também fazia esteiras, e minha mãe aprendeu com ela. Assim, a tradição passou de geração em geração, e eu segui o mesmo caminho. Agora, vamos retirar as camadas da bananeira para continuar a produção da esteira. Retiro as fibras que amarram o selo e continuo lascando para obter as cordas que utilizo na fabricação da esteira. Retiro as fibras e sigo separando as camadas. Vou escolhendo as fibras mais claras, pois quanto mais brancas, melhor será o resultado. Se não estiverem claras o suficiente, podemos clareá-las. Continuamos mexendo nas fibras até atingir o ponto certo. Depois disso, preparo a armação para começar a trançar a esteira. Quando a armação estiver pronta, começo a trançar as fibras. Agora, começo a amarrar as fibras, dando um nó no topo, onde o acabamento é feito. Amarro bem as cordas e vou trançando. Trouxe as cordas para amarrar a parte de baixo da esteira, onde fazemos uma nova emenda. Vou pegar outra corda, para quando for finalizar a esteira, amarrar e secar bem a parte interna. Assim, garantimos que a esteira esteja bem acabada e pronta para uso. (Música...) Agora, vou mexer um pouco nas fibras para finalizar o acabamento, o que chamamos de "perrengue" aqui. Acabei de retirar

mais um pouco de capa para esse acabamento. É importante lembrar que, embora eu tenha dito "paia", o correto é "capa." Terminei a esteira e fiz o acabamento. Vou verificar se a última parte da esteira está pronta. Já está quase no ponto. Agora, vou terminar aqui. Um pouquinho mais de trabalho, e pronto. Terminei. Tchau, tchau.

Anexo B

Transcrição de fala: mestre Laécio Baldaia!

Este saber é construído pelo mestre Laécio Rocha Baldaia 50 anos Residente na comunidade, Fazenda Alvorada Filho de Adrião Rocha Baldaia e Maria Gomes Baldaia.

Casado com Lindacir Teixeira Batista. Tendo como fruto da sua união 4 filhos. O senhor autoriza gravar e passar sua imagem no vídeo? — Sem problema. O vídeo eu conheço por "curral" mesmo. A estrutura do curral começa pelos palanques de madeira e as tábuas. O local precisa estar nivelado para evitar problemas. Isso é essencial para juntar o adubo e cobrir as partes do curral. Um terreno nivelado facilita tudo. Não sei se é lenda, mas, de geração em geração, dizem que é melhor retirar a madeira na época da lua nova. E, se for construir um curral, é ideal fazer durante o período de chuvas, pois o solo fica mais macio, facilitando o plantio dos palanques. O boi tem muita força, então os palanques precisam estar bem enterrados, com no mínimo um metro ou mais de profundidade, para resistir ao impacto. Você faz isso na época das águas, quando a chuva ajuda a fixar os palanques. Aí, você constrói o curral e não terá problemas, porque a estrutura estará resistente. Vou mostrar algo interessante: pegue o palanque mais resistente que tiver e coloque nas esquinas, pois são os lugares que recebem mais impacto. Aqui, vou mostrar a parte de dentro do curral. Aqui é o início do tronco, conhecido como "xeringa." Se você não fizer essa xeringa, o gado não entra no tronco de jeito nenhum. É a passagem para o gado. Essa tábua, por exemplo, você corta no esquadro e a ajusta nas medidas exatas. Se o boi quebrar uma tábua, é fácil de remover, pois ela é presa com parafusos. Você só precisa desparafusar e substituir por outra. Agora, vou explicar sobre a xeringa: ela dá continuidade ao tronco. Sem esse estímulo, o gado não entra no tronco, que é o local onde se realiza todos os tratamentos e procedimentos. — O senhor pode nos mostrar

o tronco? — Sim, claro. Aqui é a entrada do tronco, e também serve como embaicador, aproveitando a madeira. O curral nunca deixa de ser necessário, passando de geração em geração. É uma estrutura essencial em qualquer propriedade, mesmo que seja pequena. Antigamente, era muito mais difícil de fazer por falta de ferramentas adequadas. Hoje, com a energia elétrica, o trabalho se tornou mais fácil. Ferramentas como serras elétricas, furadeiras e esmeris agilizam muito o processo. Antigamente, tudo era feito manualmente, com plainas e serrotes. Tenho ferramentas antigas, como uma plaina manual que já tem mais de 35 anos. Outras ferramentas, como a poa de furar, também faziam parte do trabalho. Era usada para fazer os buracos para os palanques. Embora o trabalho fosse pesado e demorado, essas ferramentas ajudavam muito. Hoje, com o avanço da tecnologia, é possível cortar madeira e fazer os ajustes muito mais rápido. Mesmo assim, o conhecimento antigo ainda é valioso e muitas dessas ferramentas ainda são utilizadas em áreas sem acesso à energia elétrica. O curral continua sendo essencial para a criação de gado e para o manejo dos animais. Mesmo com todas as facilidades modernas, o trabalho manual e o conhecimento passado de geração em geração são fundamentais para manter essa tradição viva.